



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

“Pechincha”, “Pechinchinha” Mascotte e Tição

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

«**P**ECHINCHA» e «Pechinchinha» eram as alcunhas de duas pequenitas vizinhas que moravam em casas fronteiras.

«Pechincha» era filha de gente pobre, vivia numa água furtada e era possuidora dum gato preto, um bichano ordinário mas que ela estimava como se fôsse um tareco de luxo, um gato do boa raça.

«Pechinchinha» filha de gente rica, morava em frente, num pa-



lácio, e era possuidora dum lindo «Angora» branco e felpudo como um novelo de lã cardada ou peliça de arminho. Era lindo. Um gato modelar.

«Pechinchinha», extremamente vaidosa, gostava de o exhibir à janela, para que toda a gente o admirasse e invejasse a dona.

Um dia, deparando «Pechincha», ao seu postigo humilde, a afagar o seu «Tição», o seu preto bichano, «Pechinchinha», erguendo o seu «angora» Mascotte — (assim se chamava êle) exclamou, soberba, com mordaz ironia:

— «Não tens vergonha de mostrar êsse gato tão reles, estando o meu à janela? Vê a diferença que há entre o meu e o teu. O meu é branco como a alva carabreira do meu vestido novo e todo encaracolado como o casaco de arminho que me deu a mamã. O teu é negro como a noite; tem o pêlo escorrido e a cauda estreita como a dos macacos.»

— «Tudo isso será verdade, (exclamou Pechincha, do alto do seu postigo,) — mas não trocava o meu querido Tição pelo teu gato, embora seja de raça!»

No mesquinho desejo de a humilhar e despeitada pela nobre e espontânea confissão da vizinha pobre, Pechinchinha exclamou, então, com cruel ironia: — «O que tu querias, sei eu! Era que eu tu desse, pechinchona!»

— «Enganas-te! — (tornou Pechincha, afagando, cada vez mais o seu negro gatinho,) — Não há, para mim, gato mais lindo do que o meu! Os seus olhinhos



verdes são duas esmeraldas e o seu pêlo, negro e macio, é do mais caro veludo. Há lá, no mundo, gato mais lindo do que o meu!...»

Sugestionada já pelo seu entusiasmo, Pechinchinha, que não tinha pelo gato branco o mesmo amor, balbuciou, então, timidamente:

— «Se quizesse, trocava-o!»

— «Não! Por coisa alguma do mundo! tomou de novo, Pechincha, apertando-o de encontro ao coração e dando-lhe um longo beijo.

F I M

O malmequer de Milú

Por Jullão Selvagem

Milú tinha no jardim
Um vistoso malmequer,
Muito branco — tam branquinho,
Que parecia de arminho! —
Entre rosas de carmim.

Mas, a Milú, nem, sequer,
Pensava no malmequer,
Quando, logo manhãzinha,
Colocava o avental,
Pegava no regadôr
E regava com amôr,
As rosas no roseiral.

Certo dia um pardalinho,
Pequenino e brincalhão.
Que morava ali pertinho,
Abandonou o seu ninho
E, contente, foi poisar
Nos tijolos do canteiro
Exclamando ao malmequer:

— E's feliz. Tens o prazer
«De viver acompanhado
«De tanta graça e perfume!»

Mas — disse-lhe o malmequer;
«Para que sentes ciúme?
«Tu és livre como o vento;
«Cantas e vais onde queres,
«Como vai o pensamento!
«Eu vivo aqui apegado
«Sem ter essa liberdade
«E um dia sou arrancado,
«Porque mancho o colorido
«Do roseiral encarnado.
«Quem me dera, como tu,
«Viver livre! E que anciedade
«De fugir, sem ter sofrido
«As torturas da Milú».

Nisto, um gato, sorrateiro,
Foi muito devagarinho,
Fingindo não fazer mal
E caçou o pardalinho
Que poisara no canteiro,
Para vêr o roseiral.



Por TOUTINEGRA

A PARTIDA



LUIZ entrara para a escola com 7 anos. Ao fim do primeiro ano lectivo, já lia e escrevia, embora pouco, e já sabia as primeiras noções de aritmética.

Muito ancho do seu saber, de quando em quando, dirigia a Alice, sua irmã, mais nova do que êle dois anos, qualquer pergunta ácerca da sua mais recente lição e, vendo que ela não respondia, ria-se, chamando-lhe pateta.

O pai já lhe quizera fazer ver que, com a idade de Alice, Luizinho também não sabia, mas não o convencera. Ela, então, sentindo-se humilhada, retorquia-lhe: — «E tu sabes fazer ponto de recorte?» E ia buscar roupinhas, pequenos «napperons», que, com o auxilio da mãe, fizera para a sua boneca, a Dináh, que os pais lhe haviam dado quando fizera 5 anos. Então o irmão tirava-lhe as costuras, com tanta dificuldade feitas, fazendo-a chorar; contudo a intervenção da boa mãe, restabelecia a harmonia, acabando por ficarem bons amigos como, lá bem no fundo, sempre eram.

Os progressos no estudo de Luiz, foram compensados pelos pais com a oferta de uma pequena e muito linda espingarda de pressão d'ar, que quási o ia enlouquecendo de alegria. Como êle contava, anciosamente, os poucos dias que faltavam para irem para o campo, onde lhe seria permitido fazer uso da sua bela arma! E sorria, contente, à lembrança da admiração de Chico e Maria, filhos dos caseiros da quinta onde era edificada a casa que todos os anos, na época calma, iam habitar, quando vissem a sua espingardinha!... Haviam de querer dar tiros, mas êle só lha emprestaria um bocadinho; nada, que lha poderiam estragar!...

Em casa era grande a azáfama, emalando diversas coisas, cobrindo os móveis que ficavam; enfim, preparando tudo para a desejada partida. Alice e Luiz também já tinham arrumado, num grande caixote, tódos os brinquedos que queriam levar, ficando só de fóra, Dináh, que Alice queria levar ao colo, como a uma filhinha querida e a espingarda, que Luiz não deixava um instante.

Chegou, finalmente, o dia da partida! Não sem fazerem zaragata, pois ambos queriam o único lugar que havia junto à janela do comboio que, finalmente, se pôs em marcha. Um gentil cavalheiro cedeu o lugar



A Milú, que estava perto,
 Ao vêr o crime do gato,
 Muito mau, porém esperto,
 Correu, num espalhafato,
 Gritou e fez borbórinho,
 Dando fuga ao passarinho
 Poupano-o às iras, do gato.
 E a Milú disse sòzinha:
 — Atrevido e mau bichano...
 «Apanhar a avezinha,
 «Tentando fazer-lhe dano!»



A seguir sem mais pensar,
 Não tendo mais que fazer,
 Olhou para o roseiral;
 Vendo nêle o malmequer,
 Pensou logo em arrancar
 O pòbrezinho — e sorri:
 — Vou saber se me quer'mal!

Pareceu, porém, ouvir,
 Lá de cima, do telhado,
 O chilrear do pardal,
 Que lhe dizia, indignado:
 — Milú... Não lhe façás mal!
 «Não vês que vive e que sente,
 Como tu e toda a gente?
 «Arrancar a pobre flôr,
 Era o mesmo que matar
 «Quem nasceu para viver...

«Ha pouco fòste salvar
 «Uma inocente avezinha...
 «Ouve, Milú: essa flôr
 «E', como as demais que tens,
 «Digna de todo o carinho.
 «O que tu iás fazer
 «(Arrancar à pobre flôr
 «As pet'las, devagarinho)
 «Era o mesmo que tirar
 «As penas ao passarinho,
 «Que tu quizeste salvar.»

— Volve ela, então: quem és tu,
 «Que vens tolher-me a vontade?»

— A Consciência, Milú.
 «Sou, como vês, a Bondade.»

.....
 Hoje a Milú, de avental
 Vai regar o roseiral,
 Mas, já não pensa, sequer,
 Em tirar o malmequer.

a Alice e os dois, «vis-à-vis», iam admirando e comentando tudo o que viam na linda paiságem, que parecia correr, através da janela, como num «ecran».

Quantos projectos enchiam aquelas cabecinhas!...

Então, Luiz, tendo saído airosamente da sua primeira dificuldade, sentia-se um pequeno rei, gosando as suas primeiras férias.

As maçãs

Alice, com Dináh deitada junto de si e Luiz com a espingarda à cabeceira, quási não dormiram na primeira noite passada no campo.

Luiz nem foi preguiçoso de manhã; mal o sol entrou no quarto saltou do leito, vestiu-se e, quando acabou de engolir à pressa o primeiro almoço, sem fazer caso da irmã que ainda na cama lhe gritava que esperasse por ela, pediu licença à mãe e abalou, de espingarda ao ombro, a visitar os seus companheiros dos anos anteriores, que habitavam numa modesta casa distante da sua.

O dia estava lindo. Luiz seguiu por um atalho que ladeava um ribeiro. Caminhava apressado sem fazer reparo no assobio dos melros, que pareciam zombar da pose com que levava a espingardita ao ombro; no doce murmúrio das águas, saltando de pedra em pedra; nas inúmeras e lindas borboletas, que vojavam em sua volta; enfim, em tudo que a Natureza tem de belo e à qual tam lindo dia fazia realçar ainda mais os encantos.

(Continua na pag. 7)





CONSEQUÊNCIAS de um SOPAPO

VERSÃO DO FRANCEZ POR FRAN-
CISCO CARVALHO M. TABORDA

NO passeio dum rua, junto do qual acabava de parar um omnibus, questionavam dois garotos. No calor da discussão, o maior, ferrou no outro um tão sonoro sopapo que mais parecia o estalo dum chicote brandido com toda a força. Os cavalos assustando-se imprimiram ao pesado veículo um tão violento abalo que um enorme sujeito, que, no alto da estreita escada, estava prestes a atingir a imperial, largou o corrimão e caiu, assentando-se, pesadamente, sobre o chapéu alto dum outro indivíduo, alto e magro, que subia atrás dele. O péso do corpulento sujeito, arrastou o outro na queda com o chapéu enterrado até aos ombros. O condutor que, em baixo, debruçado sobre a borda da plataforma, recebia e verificava os bilhetes dos passageiros, amontoados e agodados para subirem em primeiro lugar, recebeu dos dois sujeitos que vinham pela escada abaixo aos rebolões, um tal impulso, que foi cair, de barriga, sobre o grupo de passageiros.

Nesta queda perigosa, o condutor parecia uma enorme rã saltando num

mesmo, faltaram onze francos e cincoenta e cinco centimos que não foi possível encontrar, porque os indivíduos que tão solícitos se mostraram em apanhar o dinheiro, não o foram menos em se pôr a andar logo a seguir.

Quando as catorze pessoas que foram ao chão, em consequência da queda do condutor, do sujeito ventruado e do indivíduo magro, se levantaram, viu-se que não havia, felizmente, nenhuma cabeça partida, nem perna alguma fracturada, mas apenas alguns egalos e grandes nódos de lama: uma pobre mulher que caíra em cima do seu saco, onde com outras compras havia meia dúzia de ovos, reclamou perdas e danos; mas estava, de tal maneira, pintalgada de amarelo, branco e pardo, que lhe responderam com estidentes gargalhadas e piadas mais ou menos espirituosas e que a fizeram dar uma sorte furiosa.

Mas não foi tudo. Os cavalos dum galera carregada de pesadas pipas, assustando-se com todo este alarido, recuaram, guinando para o meio da rua, o que fez girar bruscamente o longo veículo. As trazeiras varreram o passeio, deitando ao chão umas yin-

cos de loiça, feriu, num olho, o cavalo dum carroça que, enraivecido com a dor, partiu os arreios e agitou-se tão freneticamente que os seus furiosos coices atingiram um carrinho de mão, dum vendedor de laranjas, as quais



voaram com o impulso e caíram em chuva inesperada sobre os transeuntes, com grande gáudio dos basbaques que na maioria as foram apanhando e comendo sem escrúpulos.

Outros, porém, gritavam, furiosamente, ao receberem tão imprevistos projecteis, o que aumentou a hilaridade das testemunhas desta complicada aventura. Um sujeito já velho que, casualmente, bocejava, apanhou com uma laranja na boca escancarada que lhe partiu quatro dentes e, o que foi mais grave, lhe fez engolir a dentadura; teria, por certo, morrido asfixiado se lhe não acudisse um farmacêutico da vizinhança.

Num café, cuja frontaria foi feita em frangalhos, um outro indivíduo engoliu o charuto, tal foi a sua comição sob a chuva de estilhaços dum grande espelho. Felizmente o charuto estava quasi apagado. De resto, para maior segurança o criado apressou-se a fazer-lhe engolir uma chávena de café, para acabar de apagar o charuto. Para cúmulo da desgraça, um patusco aproveitou-se da confusão geral para partir o vidro dum posto de alarme de incêndio e, alguns minutos depois, chegava com o seu material, fazendo estremecer tudo, um destacamento de bombeiros, cuja aparição duplicou as dificuldades da policia, impotente para restabelecer a calma.



cnarco. O dinheiro caiu-lhe todo da bolsa, com grande gáudio de vários garotos e mesmo de algumas pessoas que se apressaram a apanhar as moedas com o pretexto de ajudar o desgraçado condutor e recolher todo o dinheiro, do qual tinha que prestar contas. Ainda assim, feitas estas, ali

te e oito pessoas que ficaram gravemente contusas, e limpando por completo o mostruário dum negociante de porcelanas. Este último acidente fez projectar para todos os lados, com espantoso ruído, centenas de estilhaços que foram ferir outras pessoas e partiram muitos vidros. Um destes estilha-



Entretanto, desgrazadamente, as sacudidas violentas tinham deslocado os suportes das pipas alinhadas na galera, as quais começaram a rolar umas atrás das outras e caíram no passeio.

Uma partiu-se e torrentes de vinho inundaram a vizinhança. Outra rolou de encontro à multidão, esmagando uma pobre mulher e partindo as pernas a dois indivíduos. Felizmente um candieiro fê-la parar na sua carreira furibunda, mas, sob a brutalidade do choque, a coluna de bronze abateu sobre um cavalo que, tomando o freio nos dentes, penetrou como uma cunha na multidão espavorida.

Houve não se sabe quantos feridos, mas nem um só morto.

Uma outra pipa foi direita à loja da loiça, cujo mostruário havia sido destruído e, entrando pelo estabelecimento dentro, até ao fundo, fez estragos extraordinários, quebrando tudo quanto encontrou na sua passagem. O pobre comerciante gritava como um possesso e arrancava os cabelos com desespero, enquanto sua mulher desmaiava.

As últimas pipas causaram, felizmente, menos desastres, salvo uma delas que semeou a desordem entre 30 ou 40 carruagens, carroças e veículos de toda a espécie, que tinham parado na encruzilhada, onde se passavam estes acontecimentos. Com efeito, das oito ruas que desembocavam nesta praça relativamente pequena, foram chegando sucessivamente veículos e, dentro de pouco tempo, a circulação ficou completamente interrompida. A desastrosa pipa, abalroando com um tiro de seis cavalos alinhados adiante de um carro carregado com três enormes pedras de cantaria, provocou uma tal perturbação que logo se estabeleceu uma confusão medonha.

Cavalos, carros de toda a espécie, cochelros, fardos caídos no chão; ninguém se entendia naquele caos: cada qual gritava, puxava, gesticulava, quanto podia, ao passo que os feridos berravam com dores e os basbaques, cada

vez mais numerosos, aumentavam a desordem.

No grupo pitorescamente emaranhado de todos estes carros, encontravam-se três grandes veículos, cheios de enormes porcos que eram transportados para o matadouro. Não se sabe como, as portas destes carros, abriram-se, e os porcos, alarmados com tão grande algazarra, fugiram em todas as direcções, soltando tão agudos berros que parecia sentirem já na garganta o cutelo fatal. Perseguidos de perto pelos seus condutores responsáveis, ainda mais aumentaram a confusão naquela balbúrdia enorme.

Nove porcos, com as pernas partidas e quasi reduzidos a pasta, pelas patas dos cavalos e pelas rodas dos carros, foram recolhidos por um carniceiro da vizinhança, amigo do proprietário. Os outros foram apanhados a muito custo e novamente metidos

compensa a quem o achasse. Mas quem sabe!...

De repente, o comandante dos bombeiros teve uma ideia genial. Fez assentar a agulheta da bomba a vapor que estava ainda sob pressão, e um facto de água irrealizável caiu sobre os basbaques os quaes desataram a fugir sob este duche improvisado.

Tornou-se, então, possível acudir aos feridos, desemaranhar os veículos e acalmar os cavalos.

Pouco a pouco foram-se afastando os carros que nada tinham sofrido, e a Polícia, já em número sufficiente, tomou as embocaduras das ruas. Então, uma agitação de novo género succedeu à desordem: geral que tanto tempo leva a contar e que, afinal, não durou mais de cinco minutos.

O resultado final foi: — sessenta e quatro autos, dezassete prisões, das quaes cinco foram mantidas, duas



nos carros que os conduziam ao seu destino. E ainda assim, apesar de todas as buscas que duraram muito tempo, um dos porcos não foi encontrado, e não se sabe o que foi feito dele. E todavia não se pode admitir a hipótese de um gatuno o ter metido na algeibra. Foi prometida uma boa re-

morte, em consequência dos ferimentos, noventa e oito feridos, dos quaes 33 gravemente, sem contar mais duma centena de curiosos com leves contusões que se trataram em suas casas ou nas farmácias vizinhas. E, final-

(Continua na pag. 7)

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

XX Série

(Quarta das últimas 5 séries)

CHARADAS EM FRASE:

1.ª — Vi que no firmamento havia um edifício onde se aprende. 1—1.

Micles de Tricles

2.ª — Olhei para o sítio onde se malha o trigo e vi um homem. 1—2.

Nécas

3.ª — No leito da fêra fui deltar outro animal. 2—2.

Compadre Xabregas

4.ª — Aqui tem uma parte do segmento da esfêra. 1—2.

José Espanha

5.ª — Êste cântico, vê em Hespanha uma terra portuguesa. 2—2.

Zécalculos.

6.ª — Aqui nesta bilha está um abafo. 1—2.

Mariüs

7.ª — Contemplei o quadro que representava o animal. 1—2.

Ivo Farrusco

8.ª — Êste idioma e esta nota estão no peixe. 2—1.

Gadá

CHARADAS AUMENTATIVAS:

9.ª — O quadrúpede tem uma nódoa de tinta. 2—2.

Pamplinas II

10.ª — Esta missiva é de papelão. 2—2.

D. Quichote

11.ª — Não mereces recompensa porque és selvagem. 2—2.

Gallto

12.ª — A prega vale bem esta moeda. 2—2.

Bébé

13.ª — Êste desenho é dum maroto. 3—3.

Santa Camarão

14.ª — Dei a bebida ao bacorinho. 2—2.

Armando Saturnino

CHARADAS SINCOPADAS:

15.ª — Esta doença é também uma mulher. 3—2.

Gina

16.ª — Pôti neste jornal português uma estampilha. 3—2

Filinto Veloso Osório

CHARADAS ELECTRICAS:

17.ª — Ê sempre uma ave. 3.

Any-Lady

18.ª — Que belo perfume tem êste fruto. 3.

Nicolina Sempre Fixe

19.ª — Esta é a côr mais portuguesa. 2.

El-Magrito.

20.ª — Era o máximo a que podia estar o animal doméstico. 2.

Pirotécnico

A solução destas charadas devem estar em nosso poder até ao dia 7 de Janeiro.

Por absoluta falta de espaço, só no final do Concurso publicaremos o nome dos concorrentes com direito ao sorteio e no número seguinte a respectiva classificação.

Alguns dos prémios estão ainda em nosso poder por insuficiência de morada.

TIO TONIO
Rua do Século, 43
L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no N.º 359 (XVII Série)

1.ª — Josefa

2.ª — Salvaterra

3.ª — Macaca

4.ª — Gaiola

5.ª — Fani ca

6.ª — Pedroso

7.ª — Pala-palão

8.ª — Ame-ema

9.ª — Augusto-auto

10.ª — Abano-ano

11.ª — Bárbaro-barro

12.ª — Maleita-mata

13.ª — Batata-bata

14.ª — Abraço-aço

15.ª — Azul-luza

16.ª — Amor-roma

17.ª — Satam-matas

18.ª — Aniz-zina

19.ª — Erra-arre

20.ª — Aza

NOVOS CONCORRENTES CLASSIFICADOS



PITORRA
Delfina Florindo



EJA
Maria Irene P. Pereira



BRABA
Alzira Flores Fernandes



Milú da Rita



Maria Fernanda Remechido



ANGELITA
Maria Angela G. Martins de Almeida

CONSEQUENCIAS DE UM SOPAPO

(Continuação da pag. 5)

mente, dois cavalos foram abatidos, porque tinham as pernas partidas.

O dono do café e, sobretudo, o comerciante de loiça, foram os que mais sofreram materialmente.

O negociante de vinho, também teve uma importante perda. Dezassete pessoas queixaram-se à Polícia, de terem sido roubadas, durante os poucos minutos que durou a balbúrdia, por audaciosos gatinhos, dos quais apenas um foi preso.

E dizer que todas estas desgraças provieram dum simples sopapo trocado entre dois garotos que, escusado é dizê-lo, tinham desaparecido desde o começo da desordem!

FIM

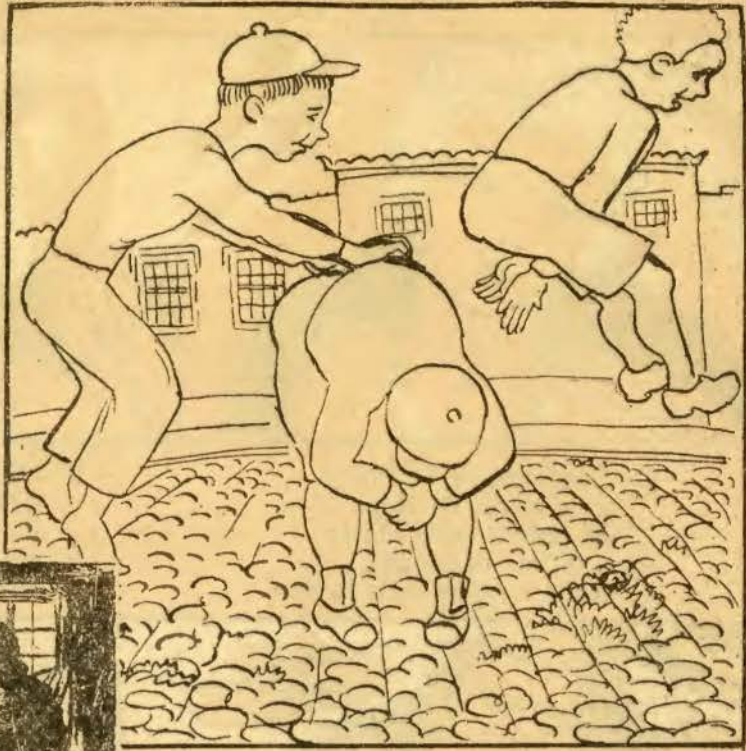
ANEDOTA



A camponeza (para a nova criada): — Então como te chamas?

A criada: — Flora.

A camponeza: — Não pode ser, por causa das confusões. A vaca também se chama assim!



AS PRIMEIRAS FERIAS DE LUIZINHO

(Continuação da pag. 3)

— Ainda é longe a casa do Chico, exclamou; e, já cansado, sentou-se à sombra dum espesso silvado. Relanceou, então, um olhar em sua volta. Tudo estava como no ano anterior, só uma coisa lhe despertou a atenção: uma pequena macieira carregada de frutos vermelhos, lindos, que pareciam estar a dizer: Comei-me, comei-me... Aquela horta, recordava-se bem, pertencia ao velho Estevam e a macieira era, decerto, o primeiro ano que dava fruto, pois não se recordava de a haver visto assim.

Continua no próximo número

A DIVINHA



Meus meninos: — Este macaco, este cabrito e este urso pressentiram dois caçadores e por tal motivo dão ás de Vila Diogo. Onde estão eles?

A RESOLUÇÃO DO PEDRITO



I — A ambição de D. Rosa, como brinde de Natal, era somente esta cousa: — ter um colar ideal, que a tornasse mais formosa.



II — E ao seu marido era grato que, do céu, o Deus-Menino lhe puzesse no sapato, um bom chapéu «borsalino» que não é nada barato.



III — Assim, como é natural, Pedrito, um loiro bebê, que é filho deste casal, chapéus de feltro só vê ante a ambição paternal.



IV — Assim, também, Fernandinha só pensava nos colares, o sonho da mamãzinha, via-os em volta, nos ares, desde manhã à noite.



V — Pois nem a mãe nem o pai encontram, bem a seu grado, o que pretendem. Mas, ai, então, o Pedro estouvado resolver já tudo vai.



VI — Dois bôlos-reis, por um moço, mandou vir a toda a pressa, e, então, com grande alvoroço, ele pôe um na cabeça e ela pôe outro ao pescoço.